

A CANÇÃO DESENCADEANTE¹

Murillo Brito

Em musicoterapia, considera-se fundamental para um bom desenvolvimento do processo musicoterápico, que o paciente se submeta a alguns estágios em seu tratamento. Dentre estes estágios, já é prática corrente que o paciente (ou quem puder fazê-lo) responda a questões que constam da ficha musicoterápica, a fim de que o musicoterapeuta possa recolher dados referentes à sua história sonora e lançar mão de estímulos compatíveis a esta. Visando o estabelecimento de algum tipo de diálogo sonoro e consequente estabelecimento da relação terapêutica faz-se uma testificação, onde submete-se o paciente a determinados estímulos sonoros e observa-se quais destes estímulos impactam mais, a fim de que isto possa ser aproveitado durante o processo ativo da terapia.

No Brasil, a musicoterapia, dentre as suas várias áreas de atuação, vem desenvolvendo, já de há muito tempo, um trabalho amplamente reconhecido em instituições de cunho social. Essas instituições são voltadas para atender demandas diversificadas: crianças abandonadas, menores infratores, meninos de rua, pacientes drogaditos e psiquiátricos. Estas instituições são órgãos públicos, onde prevalece uma grande limitação de recursos, e se destinam a atender às populações mais carentes de nosso meio social.

Assim, quando um paciente é indicado para a musicoterapia, na maioria dos casos, ele chega sem, evidentemente, termos conhecimento dos dados de sua história sonora/musical, que são relevantes para o bom funcionamento do processo. É árdua a tarefa de se levantar a sua ficha musicoterápica, porque, no caso do paciente psiquiátrico, este não tem condições de informar dados que possam ser importantes para o conhecimento de sua história sonora ou porque sua família desconhece, ou ainda, porque, por dife-

¹ ESTE ARTIGO FOI DESENVOLVIDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA CLÍNICA DO AUTOR NA ÁREA DE SAÚDE MENTAL, NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL RUBENS CORRÊA E ERNESTO NAZARETH (CAPS) NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.

rentes motivos, o musicoterapeuta não tem acesso a estes mesmos familiares.

Isso, no entanto, não pode ser impedimento para que o musicoterapeuta lance mão, por exemplo, de algum tipo de canção que possa vir a impactar seu paciente. Na área psiquiátrica, onde venho atuando há cerca de um ano, a música popular é, dentre as várias possibilidades de expressão musical, a que o paciente mais elege para se manifestar e extravasar, através dela, o seu momento psíquico e a sua história. Isso é compreensível, uma vez que a música está presente em todas os extratos sociais, principalmente os mais baixos e independe de condições financeiras ou lugares apropriados para o indivíduo se deparar com ela. Está presente nas ruas, morros, botequins, praias etc., enfim, lugares onde todos possam estar. Acrescente-se a isso o fato de que, quando uma canção faz sucesso, dada a imensa musicalidade do povo brasileiro, uma grande parte da população que tem acesso a essa música a assimila e divulga oralmente, desenvolvendo-se um interessante processo que mistura mecanismos da música popular com a música folclórica.

Assim, quando um paciente psiquiátrico de baixa renda, inserido numa instituição pública, chega para iniciar um processo musicoterápico, está impregnado de canções que povoaram ou povoam a sua vida, mesmo que, em função de seu quadro clínico, não esteja em condições de lembrar-se delas ou mesmo cantá-las.

Diante da escassez de dados sobre este paciente, mas conhecendo a história da M.P.B. e as canções que foram mais representativas ao longo das décadas nas diferentes classes sociais, o musicoterapeuta pode, com grande margem de sucesso, lançar mão de uma canção que impacte o paciente e o estimule a começar a se expressar, desencadeando um processo ativo.

O musicoterapeuta deve levar em consideração canções que fizeram sucesso quando o paciente tinha entre 12 e 18 anos, período em que, normalmente, as pessoas têm mais disponibilidade para estar em contato com canções e toda uma avidez por experienciar situações novas e conhecer o mundo. É, portanto, durante esta fase da vida que, possivelmente, as pessoas apresentam uma capacidade maior de se identificar com canções, uma vez que

estas podem traduzir seus momentos, suas reflexões e suas realidades, todas vivenciadas de maneira inédita e marcante.

As canções, normalmente, são veículos porta vozes dos sentimentos de um povo. Sempre percebemos correlações entre o maior predomínio de determinados temas e o momento histórico pelo qual se passa. Por exemplo, o jovem atual situado entre 14 e 18 anos, independente de sua origem social, identifica-se sobremaneira com as músicas da Legião Urbana, porque estas traduzem, via de regra, suas incertezas, seus conflitos, suas ansiedades, procurando, segundo seu principal compositor Renato Russo, apresentar uma noção de ética, num tempo em que a ausência desta em todos os segmentos sociais tem sido uma tônica. Portanto, para um musicoterapeuta sem conhecimento da história sonora de seu paciente, veicular uma canção da Legião pode ser, com uma grande margem de acerto, um elemento mobilizador e desencadeante.

Há que se ressaltar que o musicoterapeuta deve priorizar canções que tenham ampla penetração social para que as chances de êxito de desencadear reações no paciente sejam amplas. Na história da MPB, podemos registrar cantores/compositores que fazem enorme sucesso independente da classe social a que são submetidos. Roberto Carlos, Djavan, Tim Maia, Zeca Pagodinho e alguns poucos outros são exemplos de artistas que são apreciados por um amplo espectro de público, independente de sua origem social. Diferente de outros artistas, igualmente talentosos, mas que possuem um público mais segmentado, como Tom Jobim, Chico, Milton ou Leonardo. A utilização de canções desses artistas pelo musicoterapeuta num setting musicoterápico sem o conhecimento da classe social em que seu paciente esteja inserido pode se revelar ineficaz.

Para concluir, a utilização da canção desencadeante pelo musicoterapeuta não leva a riscos de haver algum tipo de estranheza cultural e/ou musical por parte do paciente. Com o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, uma canção de sucesso atinge, indiscriminadamente, todas as regiões do país e, sem considerarmos os aspectos éticos dessa questão, padroniza o perfil musical de um determinado contingente populacional. Logo, a canção desencadeante por ser uma canção amplamente

difundida, ao ser introduzida num contexto musicoterápico, permite ao paciente a expressão da mesma e serve de estímulo para que novos conteúdos e informações advenham dessa expressão, além de possibilitar ao paciente, provavelmente, a sensação do musicoterapeuta estar em consonância com seu universo sonoro e o posterior compartilhar de experiências musicais e os sentimentos e sensações que estas podem acarretar.